

“Eixo Cultura x Eixo Saúde”: uma análise da Covid-19

“Culture Axis x Health Axis”: an analysis of Covid-19

Malu Monteiro Storer¹, Frederico Garcia Fernandes²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os impactos da Covid-19 na sociedade londrinense, com base em entrevistas realizadas pelo projeto “Covid-19: Experiências e Relatos”. A metodologia consistiu na análise qualitativa, visando a focar nos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e significados percebidos por eles durante a pandemia. Para embasamento teórico, foram utilizados autores que pensaram sobre a pandemia (Davis; Klein, 2020; Fuks, 2022; Krenak, 2020). Dois eixos do projeto foram tomados como objetos de discussão ao longo de nossa pesquisa de iniciação científica: Eixo Cultura e Eixo Saúde. As falas indicaram três tópicos a serem debatidos: Ideologia e Política; Importância da Vida; e a questão do Remoto e Presencial. Em suma, entende-se que a Covid-19 impactou diversas áreas e aspectos da sociedade londrinense, conforme a análise dos depoimentos, conclui-se que as experiências e relatos de cada entrevistado refletem os valores e crenças constituídos pela vivência e percurso de cada indivíduo como sujeito histórico na sociedade.

Palavras-chave: Covid-19; Isolamento social; Pandemia.

Abstract

This article aims to analyze the impacts of Covid-19 on Londrina society, based on interviews carried out by the project “Covid-19: Experiences and Reports”. The methodology consists of a qualitative analysis, centered on focusing on the statements of the social actors involved, the speeches and meanings perceived by them during the pandemic. For theoretical basis, authors who thought about the pandemic were used (Davis; Klein, 2020; Fuks, 2022; Krenak, 2020). Two axes of the project were made as objects of discussion throughout our scientific initiation research: Culture Axis and Health Axis. The statements indicated three topics to be debated: Ideology and Politics; Importance of Life; and the issue of Remote and In-person. In short, it is understood that Covid-19 has impacted several areas and aspects of Londrina society, according to the analysis of the statements, it is concluded that the experiences and reports of each interviewee reflect the values and focus constituted by the experience and journey of each individual as a historical subject in society.

Keywords: Covid-19; Social isolation; Pandemic.

¹ Graduanda em Letras Vernáculas e Clássicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. *E-mail:* malu.monteiro.storer@uel.br

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. *E-mail:* fredma@uel.br

Introdução

A Covid-19 não pode ser narrada apenas como um dos maiores problemas sanitários que afligiram a humanidade em pleno século XXI. Seus desdobramentos atingem em cheio velhas questões de ordem social, econômica e política, evidenciando fragilidades ocasionadas pela desigualdade entre pessoas, com grupos sobrevivendo em situação de extrema pobreza, e governos que fazem o exercício da necropolítica³. Julián Fuks (2022), em *Lembremos do futuro*, livro de crônicas e ensaios produzido ao longo de seu isolamento junto à família, afirma que a experiência da pandemia pode ser entendida como um “excesso de presente”. Um presente intenso, poderíamos completar, bloqueando nosso acesso a outras pessoas e, consequentemente, impedindo nossa ligação com o passado. Um presente dominante, cujo medo da morte faz com que percamos a esperança num futuro. Este artigo é uma reflexão sobre como se deu a experiência da pandemia e do isolamento no contexto da Região Metropolitana de Londrina (RML).

A pesquisa consistiu num estudo transversal qualitativo, desenvolvido a partir do projeto “Covid-19: Experiências e Relatos”, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob coordenação do professor Frederico Garcia Fernandes. O objetivo foi analisar um conjunto de narrativas sobre os acontecimentos relacionados à pandemia do coronavírus, na RML. O projeto “Covid-19: Experiências e Relatos” surge como uma pesquisa transdisciplinar, na qual diferentes áreas de conhecimento se unem para refletir e interpretar testemunhos. O projeto foi dividido em quatro eixos: Sociedade, Cultura, Saúde e Educação, tendo sido aprovado pelo sistema CEP/CONEP.⁴

O presente artigo detém-se numa comparação entre os discursos de profissionais ligados à cultura e à saúde na RML, buscando analisar de

que forma a pandemia impactou suas vidas. Partindo deste pressuposto, esta investigação teve como o principal objetivo estudar o isolamento social da Covid-19 e assimilar como a pandemia afetou as relações sociais por meio de relatos de diversas perspectivas e vivências.

O Eixo Cultura do projeto teve como foco coletar narrativas que mensurassem os impactos da pandemia entre artistas e produtores culturais durante o isolamento. Quais alternativas de sobrevivência? Como a arte teve que se adaptar ao meio digital? São algumas das questões abordadas ao longo deste artigo. Já o Eixo Saúde teve como propósito lidar com entrevistas de trabalhadores ligados aos cuidados médicos e ao gerenciamento das demandas hospitalares, visto que eles presenciaram um cenário de intensa pressão social e no trabalho. Em ambos os eixos serão expostas temáticas relacionadas à pandemia da Covid-19, tais como: aspectos ideológicos e políticos; a importância da vida e o debate sobre as diferenças entre as atividades desenvolvidas remota e presencialmente.

Para a realização deste estudo, foram utilizadas 10 entrevistas do Eixo Cultura e 13 entrevistas do Eixo Saúde pertencentes ao projeto “Covid-19: Experiências e Relatos”. Após a análise dessas entrevistas, o critério de seleção de falas pautou-se em relatos capazes de agregar experiências e percepções da pandemia. As entrevistas registram diferentes momentos da crise pandêmica em Londrina e RML. O primeiro constituiu-se pela fase mais aguda: compreende os últimos meses de 2020, em que as pessoas vivenciavam o isolamento e ainda não havia vacina. O ano de 2020 foi também o mais intenso, marcado pelo aumento de internações e óbitos. O segundo momento está identificado pela chegada da vacina na RML, que se deu em 19 de janeiro de 2021. Ele é caracterizado por um processo gradual e lento de retomada de atividades. O terceiro e último conjunto de entrevistas situa-se

³ Segundo Achille Mbembe (2018), “Necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada”. Para o filósofo camaronês, a necropolítica corresponde à destruição dos corpos por meio da instrumentalização da vida. Em outras palavras, não significa deixar morrer, mas fazer morrer.

⁴ Projeto aprovado pela CONEP com registro CAAE: 32156220.8.0000.5231.

no ano de 2022, em que boa parte da população já se encontrava vacinada e, nela, é perceptível o tom (anti)negacionista na fala dos entrevistados e a análise política do que vivenciaram. Os entrevistados concordaram em se identificar, com exceção de uma. Nesse caso, todas as citações desta entrevista foram referenciadas com o nome fictício de “Roberta Oliveira”.

A análise consistiu numa abordagem qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a análise qualitativa desdobra-se numa abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados atribuídos aos acontecimentos. A pesquisa qualitativa atribui importância aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos seus discursos e sentidos. Dessa forma, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

1. Ideologia e política

A Covid-19 é uma infecção respiratória potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O isolamento social, em decorrência do vírus, foi decretado primeiramente em Wuhan, na China, em meados de dezembro de 2019. E em questão de meses, as infecções alcançaram todos os países, ganhando repercussão por atingir territórios ricos e pobres, sendo considerada a síndrome respiratória viral mais letal, além de causar mudanças de comportamento devido ao isolamento social (Ferguson *et al.*, 2020).

No início, as pessoas ainda não viviam em pânico e muitos acreditavam que essa infecção não chegaria ao Brasil com tamanha intensidade. A sociedade começou a ter ciência da gravidade e letalidade do vírus quando o primeiro caso importado do coronavírus foi confirmado em São Paulo. Após um mês de sua confirmação, cerca de 3 mil pessoas testaram positivo para o vírus. O Brasil parou. Escolas e faculdades foram fechadas, foi decretada quarentena por vários municípios e restringidas aglomerações.

Mesmo diante da letalidade do vírus, o negacionismo começou a ter proporções alarmantes no país. Tal ideologia manifesta a negação ou minimização da gravidade do vírus, desrespeitando o isolamento social e seguindo tratamentos sem validação científica, além de não reconhecer a eficácia da vacina. Nesse sentido, Marco Fabiani, médico e escritor londrinense, comenta:

[adaptado] E quando você tem o Presidente da República que ele é negacionista e ele chega e diz que a vacina é uma bobagem, não serve para nada. Quando ele chega e nega que a máscara é o exemplo pessoal dum figura uma liderança política ela não é só uma liderança ele não é um administrador de empresas, tem um componente simbólico, ele é uma figura. É que extrapola essa condição e ele nega isso, tá certo? Isso é um desastre e impressiona muito como isso disseminou inclusive dentro dos setores que deveriam ser os que preservam a ciência (Fabiani, 2022).

Além disso, o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro negligenciou diversas medidas protetivas relacionadas ao enfrentamento do coronavírus, entre tais atos o incentivo para que empresários retornassem às atividades e o atraso deliberado na compra de vacinas. De acordo com o jornal *El País* (Benites, 2021), Jair Bolsonaro e seu Ministério da Saúde ignoraram ao menos cinco ofertas de vacina que significariam milhões de doses, além de incentivar o apelo de empresários ao retorno das atividades, mesmo que tenha custado a vida de cerca de 6 mil pessoas. Nessa perspectiva, em seu livro *O amanhã não está à venda*, Ailton Krenak (2020, p. 5) afirma sobre Bolsonaro: “O que vemos nesse homem é o exercício da necropolítica, uma decisão de morte. É uma mentalidade doente que está dominando o mundo.”

Leda Araújo, diretora da Biblioteca Pública de Londrina, observou que a falta de protocolo e também a irresponsabilidade por parte de comerciantes geraram muitas mortes. Nesse mesmo sentido, Araújo enfatizou que, no Brasil, boa parte da população não seguiu os protocolos adequados da quarentena.

[adaptado] Eu imaginava que havia bastante gente que faleceu. Mas também gente assim, que às vezes não seguia nenhum protocolo. Trabalhava no comércio ou era proprietário de comércio que às vezes não acreditavam também, não usavam máscara, não (Araújo, 2021).

Roberta, profissional da saúde, também relata sobre o desrespeito ao isolamento social:

[adaptado] As pessoas querendo abrir bar, querendo abrir restaurante, né? A gente entende o lado econômico da coisa, a gente entende. Mas a gente entende também que sem saúde ninguém trabalha. E assim a coisa foi tomando um tumulto tão grande que a gente tem funcionário internado, cada dia um que a gente sabe. E quer dizer não é um, são vários. A gente tem residentes com suspeita. Residentes afastados (Oliveira, 2020).

Diante das entrevistas mencionadas, é fato que muitos líderes políticos menosprezaram a letalidade do vírus e priorizaram os lucros, resultando em consequências que afetaram a saúde e o bem-estar de inúmeras pessoas.

Dessa maneira, foi perceptível que muitos entrevistados desta pesquisa relataram sua oposição à conduta de pessoas durante o isolamento social. Alguns deles se posicionaram a respeito dos protocolos dos governos federal e municipal durante a pandemia. Nessa perspectiva, Maria Luiza Kasai, dentista e professora da UEL, considera que o prefeito da cidade de Londrina, Marcelo Belinati, atuou de forma adequada nas medidas de combate e prevenção do vírus. Ela também comenta que essa atuação eficiente deve ser por conta de sua formação profissional como médico:

[adaptado] Acho que atuou de forma correta. Dentro do que era possível dentro do que podia e dentro das condições econômicas, das condições epidemiológicas, e políticas, né? Porque a administração municipal, a princípio, era alinhada com o Governo Federal, então eu até achava que não poderia ser tão eficiente como está sendo, mas por outro lado, eu acho que pela própria formação do prefeito, né? Dele ser médico e de ele ter uma boa parte da vida profissional

como médico dele, foi dentro do HU e por essa história passada dele né? Ele teve essa visão com relação à pandemia (Kasai, 2021).

A entrevistada Roberta relata sobre as medidas dos governos federal e estadual, evidenciando a falta de preparo de líderes políticos. Ela também considerou adequado o posicionamento municipal em relação às medidas de proteção:

[adaptado] Então eu acho que até que a Prefeitura está fazendo o papel dela. Eu acho. Eu não concordo nada com o que o Bolsonaro fez e não concordo. Mas acho que aqui em Londrina até que o Belinati está sendo sensato. Né? Mas o que falta mesmo é conscientização das pessoas. Elas têm que repensar o momento que a gente tá vivendo. [...] Então é complicado, é bem complicado isso porque eu acho que a gente não tem ainda governantes preparados para uma situação dessa. A gente não estava preparado pra isso e a gente não tem, não vi nesta pandemia, nenhum governante sensato. Meu ponto de vista. Não vi nenhum governante sensato. Por mais que eu tenha dito aqui agora pouco eu até que estou achando o Belinati meio que sensato. Foi uma fala minha. Mas se você pensar em termos de Estado, em termo nacional, não vi governantes sensatos (Oliveira, 2020).

Nesse contexto, foi perceptível a problemática relacionada ao descaso e ao descompromisso por parte de líderes políticos, principalmente estaduais e federais, com a população, o que resultou em aumento da fome e do desemprego (Petrone, 2020, p. 12).

De acordo com o jornal *BBC News Brasil*, em pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva, 39% dos patrões dispensaram suas empregadas domésticas sem pagamento durante a pandemia (Guimarães, 2020). A questão trabalhista também foi repercutida pelos entrevistados. A dentista Maria Luiza Kasai relatou que exigiu de sua diarista o isolamento social, sem cessar seu pagamento:

[adaptado] Tem a minha funcionária que trabalha aqui na minha casa, ela é diarista, né? E ela vive essa situação de ter que pegar o ônibus, de ter se contaminado por Covid, de ter ficado

afastada pela Covid, né? Ela ficou há um ano sem vir trabalhar aqui na minha casa que eu não queria que ela viesse pra ela não ter que tomar o ônibus, no entanto eu pagava. Não deixei de pagar ela nenhum dia, né? [...] na minha casa e na casa da minha cunhada ela ficou dispensada por um ano. No entanto, nós pagamos, pagamos esse período inteiro todos os dias, né? Porque era um direito delas ficarem em casa assim como eu tinha o direito de ficar em casa, ela tinha o direito de ficar em casa em segurança (Kasai, 2021).

Em contrapartida, Helion Lino que atua como perito, dentista e professor da Universidade Estadual de Londrina, comenta que sua empregada doméstica, assim como ele, mantiveram a mesma rotina, baseando-se na ideia de continuidade do trabalho com cautela:

[adaptado] Pra mim é o trabalho. Como profissional da saúde, eu trabalho com responsabilidade, entendeu? Mas eu não posso esquecer que a vida anda. [...] Eu tenho uma equipe administrativa que funciona, há pessoas que também estão dentro do meu perfil, então a casa, as pessoas funcionam em que até a empregada doméstica nossa, a colaboradora do lar, né, ela vai na mesma tocada, entendeu? Então, tudo na base da confiança e na base do trabalho, não é? Então a casa funciona assim? Na Covid não foi diferente, ninguém parou. Ninguém parou, graças a Deus (Lino, 2020).

Há aí uma ambivalência entre os relatos, visto que cada entrevistado agiu da maneira que achou coerente e apropriada durante a pandemia e de acordo com as suas vivências pessoais. Diante da complexidade apresentada pelo momento, cada indivíduo enxergou o mundo de uma forma singular. Ailton Krenak observa que a pandemia deve ser uma reflexão para o indivíduo, sobre o que seria, de fato, a tal normalidade da qual todos falam que é preciso voltar, após o cenário de crise social e econômica:

[adaptado] Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco,

qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. Coisa de quem acha que a vida é baseada em meritocracia e luta por poder. Não podemos pagar o preço que estamos pagando e seguir insistindo nos erros (Krenak, 2020, p. 8).

A reportagem da *BBC News Brasil* informa que, no ano de 2021, o governo Bolsonaro gastou quase 90 milhões de reais em remédios ineficazes, sem evidências científicas de seus efeitos contra a Covid-19 (Shalders, 2021). Nesse sentido, Roberta tocou neste tema em sua entrevista:

[adaptado] Os protocolos a serem seguidos vem do Ministério da Saúde, né? Existem protocolos. Mas isso ainda não virou um consenso. Não virou um consenso. A tal da Ivermectina né? Amigos que tomaram caixas e caixas de Ivermectina. Eu falei assim, gente eu vou virar de ponta cabeça vocês pra ver se o negócio vai sair do intestino pra ir pro pulmão. Não tem lógica, sabe? Usei todos os meus argumentos. Fui buscar referência, fui atrás. Olha, está vendo? Não adiantou eu falar nada (Oliveira, 2020).

O sentimento de crise tomou conta dos vários discursos no país, sendo o negacionismo algo que contribui ainda mais para sua instalação. Desdobrado em práticas de antivacinação e recusa do uso de máscaras, pessoas e instituições tiveram posicionamentos inadequados, colocando em xeque pesquisas científicas. Dessa forma, a jornalista Regina Célia comentou acerca da falta de uma postura humanitária da imprensa:

[adaptado] Não estou falando de direita ou esquerda, estou falando como que a imprensa podia ter contribuído nesse momento, para uma postura humanitária, sabe? Para uma postura científica. Tantas pessoas boas para analisar, escrever... Eu acho que nós perdemos nesse ponto (Célia, 2020).

Em contrapartida, mesmo com as problemáticas envolvendo a imprensa e o governo federal, Maria Luiza Kasai reafirmou a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) e da vacinação:

[adaptado] Eu sou fã de carteirinha do SUS, eu vi o SUS nascer, né? O SUS ainda é adolescente, é um processo em construção permanente e se a gente pensar que o Brasil com essas dimensões continentais com essas características socioeconômicas, demográficas das mais diversas do mundo, né? O Brasil tem disparidades sociais que nenhum país do mundo tem. Dadas as dimensões continentais que ela tem se não fosse a vacina, né? Com toda a prevenção dessas doenças imunossupressoras e o SUS, eu acho que do ponto de vista de saúde pública seria pior que o Haiti, né? Então ponto para o Brasil pelo SUS e muito mais pontos pela questão da vacina, né? E vacina pra mim é aquela que está no braço, não importa, não importa se é Butantan, se é Fiocruz, se é Pfizer, se é Janssen ou qualquer outra que venha. São todas vacinas provavelmente eficazes, aprovadas, autorizadas, né? (Kasai, 2021).

Em suma, as percepções dos entrevistados corroboram o fato de que o atraso na compra de vacinas ocasionou a morte de milhares de pessoas e que houve negligência do governo federal na atenção ao isolamento social. Eles entendem, dessa maneira, que a conduta do governo federal durante a pandemia foi bastante insatisfatória. Algo não pode ser dito da Prefeitura Municipal de Londrina, cujas ações foram avaliadas positivamente por parte dos entrevistados. Reiteramos que se trata de uma pesquisa qualitativa, e que, portanto, não teve por objetivo refletir a opinião pública dos moradores da RML sobre os acontecimentos. A ideologia dos entrevistados vai ao encontro das opiniões dos intelectuais e acadêmicos levados ao debate público, sendo que apenas um dos entrevistados fez uma defesa da continuidade de atividades durante a pandemia.

O debate sobre o negacionismo atingiu boa parte da mídia e dos lares brasileiros. De certa maneira, as entrevistas dadas pelos participantes do projeto “Covid-19: Experiências e Relatos” refletem o debate antinegacionista e de defesa intransigente da vida. A importância de analisá-las recai no fato de que o testemunho mergulha no acontecido, fazendo com que as pessoas projetem em seu relato a experiência sobre os efeitos da pandemia.

Em uma primeira leitura, essas experiências nos indicam que as diferenças sociais e profissionais dos entrevistados não foram sentidas no âmbito da reação deles em relação aos efeitos da pandemia. Em outras palavras, o conjunto de entrevistas analisadas arquiteta uma “pedagogia da pandemia”, na medida em que nos ensinam como sobreviver em meio à crise e ameaças para que as pessoas não voltassem a trabalhar, discursos criminosos de desinformação sanitária e de deslegitimação da ciência, tudo isso potencializando o caos. A perspectiva de sobrevivência das pessoas e do planeta passa pela necessidade de constituir trabalhos coletivos e ações conjuntas, como forma de garantir nossa sobrevivência. Este aspecto será trabalhado no próximo tópico.

2. Importância da vida

Com a condição de isolamento colocada pela Covid-19, muitos problemas relacionados à depressão e à ansiedade provocaram traumas na vida das vítimas que vivenciaram o isolamento social.

O aumento dos transtornos mentais foi, em grande parte, ocasionado pela brusca mudança trazida pelo isolamento social (WHO, 2022), a fim de diminuir a disseminação do vírus. Além da falta de contato com o mundo exterior, as pessoas sentiam medo de contrair o vírus ou de algum familiar próximo se infectar. Muitos tinham preocupação com a fonte de renda, seja pela dependência do comércio ou pela ameaça ou situação de desemprego ocasionado pela necessidade de corte de gastos praticado em muitas empresas. Diante de diversas problemáticas envolvendo tantas emoções, preocupações com a vida, com o financeiro e o isolamento social, o sujeito sentia-se perdido e desamparado em meio a tantas questões. Nesse sentido, a jornalista Regina Célia comenta:

[adaptado] Essa que é a parte cruel, você não pode tomar um ar fresco, você não pode sair na rua e caminhar e chorar, você não pode entrar no mar e deixar o sal levar suas lágrimas, na hora que eu entrar no mar eu vou chorar tanto

mas tanto, eu vou gritar tanto porque tudo o que você não pode fazer. Você tem que chorar baixinho no hospital, você não pode extravasar com um amigo, tipo vamos sentar aqui e beber essa garrafa de vinho e vou chorar. Você não pode encontrar um amigo (Célia, 2020).

A entrevista de Regina deixa explícito o desespero, a dor e o sentimento de solidão durante o isolamento social. Ela ainda narra sobre a falta da família nos momentos difíceis e sobre os aprendizados que uma pandemia provoca no indivíduo.

[adaptado] O pior é que essa pandemia vai passar, e para gente as pessoas não vão voltar, as coisas não vão voltar ao normal, é uma perda irreparável. [...] Nós não nascemos para ser tristes, você, eu, minha mãe, minhas irmãs, nós temos vocação para buscar a felicidade, então a gente não vai ficar parado na dor (Célia, 2020).

Krenak (2020) espera que o mundo não recupere a “normalidade” quando a pandemia acabar e que as pessoas não voltem ao mesmo ritmo de antes, com todas as máquinas ligadas ao mesmo tempo. Ele supõe que as pessoas devam sair diferentes do que entraram no isolamento social, com uma reflexão atenta aos recados da natureza para a humanidade e capaz de valorizar a vida. A percepção dos entrevistados é de que o isolamento social desencadeou muitos sentimentos relacionados ao medo, desespero, à ansiedade e à depressão. A percepção de futuro, evidenciada na fala da jornalista Regina Célia, assemelha-se à de Krenak na medida em que o retorno não deverá ser como o que era antes da pandemia. Trata-se de um futuro moldado por um sentimento de dor pelas perdas de entes queridos. Um futuro projetado no discurso de esperança de que as pessoas não apaguem de suas memórias o sentido daquilo que viveram. Retomando Fuks (2022) se o presente durante o isolamento sequestrou o passado e o futuro, as falas deixam evidenciar um fio de esperança e com ela a crença de que a humanidade se torne mais solidária e sensível, ao vivenciar processualmente os traumas e tensões de uma pandemia.

3. Remoto e presencial

O isolamento social foi um momento em que as pessoas precisaram (re)construir-se e (re)inventar-se, em meio a tantas mudanças ocorrendo ao mesmo tempo. O professor de dança e coreógrafo Marciano Boletti discorreu sobre a dificuldade na mudança em seu trabalho:

[adaptado] Eu acho que a pior parte é essa. A pior parte do bailarino, do Ballet nosso, do Ballet de Londrina é não poder se apresentar. A gente não ter essa... porque você faz, o que a gente faz é voltado pra isso, né? A gente o tempo todo, todo o trabalho da gente é pra poder se comunicar com o público, pra poder mostrar o que a gente tá fazendo, sabe? É a nossa vida, né? É o que nos move, digamos assim, é... são as apresentações. Então, pra mim, foi muito difícil (Boletti, 2021).

Além disso, Boletti também comenta acerca das invenções criativas para transformar o trabalho presencial para *online*:

[adaptado] No começo, sentimos bastante ansiedade de produzir, apresentar alguma coisa e de continuar tendo contato com o nosso público. Nós começamos a produzir alguns vídeos em casa, a gente gravava, achava uma música, cada bailarino acabava fazendo um trecho da coreografia, aí a gente editava, juntava e virava uma coreografia (Boletti, 2021).

André Siqueira, músico e professor da UEL, narra sobre as dificuldades enfrentadas em relação a sua profissão durante o período pandêmico:

[adaptado] Quando você está numa sala de concerto, você está sendo arrebatado pelo som que acontece naquele espaço acústico, isso é insubstituível (Siqueira, 2020).

Assim, ele expressa que existem momentos em que o virtual não dá conta de substituir o presencial. Marco Fabiane, médico e escritor, também discorre acerca dessa problemática:

[adaptado] A cultura precisa da aglomeração. Cultura é trocar, né? Você pode fazer um show via remota, mas você não tem exatamente o que é bonito do show que é a troca, você perde essa conversa, essa interação, a cultura vive disso, foi um horror, né? Muita gente deixou assim e também muita gente se sentiu bem desmotivado, né? Porque ficou uma coisa tão pesada, né, e impactou, impactou tudo, né? (Fabiane, 2022).

É fato que em algumas áreas, as atividades *online* não permitiram a mesma experiência que o presencial. Entretanto, é válido ressaltar que em muitos momentos durante a pandemia, o ambiente presencial causava estresse, cansaço e desespero, principalmente para os profissionais da área da saúde, os quais tiveram uma enorme sobrecarga nesse período. Roberta, nesse sentido, comenta:

[adaptado] Então hoje assim de coração [...] a dor que eu sinto que eu passei um plantão doze horas sem me alimentar sem ter tempo de ir a um banheiro de congestionamento de ambulância no estacionamento do pronto socorro a gente chegou a ter sete ambulâncias nesse dia e a gente ter e eu ter que orientar tudo isso e tem que ter muita paciência, você tem que ter calma, você tem que estar com um sorriso enorme de vontade de chorar, de gritar, de fazer tudo. Entendeu? Porque as pessoas não estão tendo consciência do que a gente está passando. [...] Mas o que está doendo agora pra mim, né? É você mexer com essa mistura de emoções. Sabe? Com essa mistura assim o trabalho está extremamente pesado. Doze horas extremamente cansativas. Sabe? Pessoal, a gente, eu já não tenho mais vida pessoal, né? (Oliveira, 2020).

O estresse profissional não foi uma prerrogativa dos profissionais da saúde. Embora vivido de forma presencial, os agentes de saúde compunham aquilo que pode ser chamado de *front* da pandemia, convivendo com a hiperlotação dos hospitais. Mas o estresse profissional apresentou-se de maneira diferenciada: no caso de agentes da cultura, foi a incerteza financeira e a impossibilidade de sobreviver sem renda; professores tiveram que se adaptar repentinamente ao modelo *online*, mesmo sem preparação para isso. A adaptação ao mundo

digital exigiu criatividade e não faltaram falas que rapidamente assimilaram a prática social em rede como uma ferramenta de transformação.

Para Davis e Klein (2020), a organização digital foi um processo de reconstrução e reinvenção, uma vez que o ativismo digital colocou em evidência a obsolescência do Estado, ao ampliar fronteiras. De acordo com elas “Organização digital, sim! E precisamos estar preparados para um novo começo quando finalmente entrarmos em contato uns com os outros pessoalmente” (Davis; Klein, 2020, p. 28).

É evidente que o isolamento social possibilitou a união de pessoas de diferentes lugares do mundo por meio da tecnologia. Dessa forma, no início, foram necessários criatividade e improviso aos entrevistados para transferir as atividades para o modo *online*. Outrora, existem áreas que, infelizmente, o *online* não permitiu a mesma experiência e a mesma sensação que o presencial permite.

Considerações finais

Assim, com base nas entrevistas realizadas pelo projeto “Covid-19: Experiências e Relatos”, este estudo se propôs a investigar os impactos da pandemia na sociedade londrinense, concentrando-se nos eixos de Cultura e Saúde.

Portanto, entende-se que a Covid-19 impactou áreas e aspectos da RML, assim, juntamente com as entrevistas coletadas, ficam evidentes diversos relatos sobre a ideologia e política durante a pandemia, os sentimentos que o isolamento social provocou, e a questão do remoto e presencial. Conclui-se que as experiências e os relatos compartilhados pelos entrevistados refletem não apenas as adversidades enfrentadas, mas também os valores, crenças e visões de mundo constituídos pela vivência e pelo percurso de cada indivíduo como sujeito histórico na sociedade.

Referências

ARAÚJO, Leda. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, set. 2021. Projeto de pesquisa.

- BENITES, Afonso. Diretor da Pfizer escancara atraso letal do governo Bolsonaro na compra de vacinas. *El País*, Brasília, DF, 13 maio 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-13/diretor-da-pfizer-escancara-atraso-letal-do-governo-bolsonaro-na-compra-de-vacinas.html>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- BOLETTI, Marciano. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, set. 2021. Projeto de pesquisa.
- CÉLIA, Regina. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, set. 2021. Projeto de pesquisa.
- DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.
- FABIANE, Marco. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, 2022. Projeto de pesquisa.
- FERGUSON, Neil M.; LAYDON, Daniel; NEDJATI-GILANI, Gemma *et al.* Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. *Imperial College COVID-19 Response Team*, London, 2020.
- FUKS, Julián. *Lembremos do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- GUIMARÃES, Ligia. Coronavírus no Brasil: 39% dos patrões dispensaram diaristas sem pagamento durante pandemia, aponta pesquisa. *BBC News Brasil*, [São Paulo], 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52375292>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- KASAI, Maria Luiza. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, out. 2021. Projeto de pesquisa.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LINO, Helion. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, out. 2020. Projeto de pesquisa.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- OLIVEIRA, Roberta. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, set. 2020. Projeto de pesquisa.
- PETRONE, Talíria. *(Re)nascido em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- SHALDERS, André. ‘Tratamento precoce’: governo Bolsonaro gasta quase R\$ 90 milhões em remédios ineficazes, mas ainda não pagou Butantan por vacinas. *BBC News Brasil*, [São Paulo], 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- SIQUEIRA, André. [Entrevista]. [Entrevista cedida ao] PROJETO Covid-19: experiências e relatos. Londrina: UEL, jul. 2020. Projeto de pesquisa.
- WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World health statistics 2022*. Switzerland: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/20-05-2022-world-health-statistics-2022>. Acesso em: 11 set. 2023.

Recebido em: 10 nov. 2022

Aceito em: 28 jan. 2023

